

## **HAGAMOS / VAMOS A HACER UN TRATO: VARIACIÓN LINGÜÍSTICA NA EXPRESSÃO DE PROPOSIÇÕES E INSTRUÇÕES NO ESPANHOL**

**HAGAMOS/VAMOS A HACER UN TRATO: LINGUISTIC VARIATION IN THE  
EXPRESSION OF PROPOSITIONS AND INSTRUCTIONS IN SPANISH**

**HAGAMOS/VAMOS A HACER UN TRATO: VARIACIÓN LINGÜÍSTICA EN LA  
EXPRESIÓN DE PROPOSICIONES E INSTRUCCIONES EN ESPAÑOL**

Fernanda Silva Torres<sup>1</sup>  
Leonardo Lennertz Marcotulio<sup>2</sup>

**RESUMO:** A possibilidade de alternância entre a forma verbal imperativa e a perífrase de futuro flexionadas na primeira pessoa do plural em espanhol (*hagamos* e *vamos a hacer*, respectivamente) é fenômeno ainda pouco estudado e sua atestação na literatura (SEDANO, 1994; GÓMEZ TORREGO, 1999; MARTÍN, 2009), além de escassa, é restrita à sua observação para a expressão de um único valor, o exortativo. O tema parece, assim, não ter sido tratado com maior profundidade e nenhuma possível explicação para sua ocorrência foi levantada. Diante desta lacuna, este trabalho visa investigar a citada alternância entre as formas para a expressão da função comunicativa proposicional. Ademais, nesta investigação, propomos o questionamento sobre a possibilidade de ocorrência do fenômeno para a expressão de outra função comunicativa: a instrucional, o que ainda não foi contemplado por nenhum estudo. Este trabalho, portanto, de orientação sociolinguística, tem natureza qualitativa e analítica e está pautado na revisão da literatura sobre o tema e na análise de dados selecionados de materiais audiovisuais de diferentes variedades do espanhol.

**PALAVRAS-CHAVE:** Imperativo; Futuro perifrástico; Variação linguística; Proposição; Instrução.

**ABSTRACT:** *The possibility of alternating between the imperative verbal form and the future periphrase inflected in the first person plural in Spanish (hagamos and vamos a hacer, respectively) is a phenomenon still little studied and its attestation in the literature (SEDANO, 1994; GÓMEZ TORREGO, 1999; MARTÍN, 2009), besides being scarce, is restricted to its observation for the expression of a single value, the exhortative. The theme thus seems not to have been dealt with in greater depth and no possible explanation for its occurrence has been raised. Given this gap, this paper aims to investigate the aforementioned alternation between the forms for the expression of the propositional communicative function. Furthermore, in this investigation we propose to question the possibility of the occurrence of the phenomenon for the expression of another communicative function: the instructional one, which has not yet been covered by any study. This work, therefore, of a sociolinguistic orientation, has a qualitative and analytical nature and is based on the review of the literature on the subject and on the analysis of selected data from audiovisual materials of different varieties of Spanish.*

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: [fersiltorres@gmail.com](mailto:fersiltorres@gmail.com). Orcid: 0000-0002-1998-4850

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: [marcotulio@letras.ufrj.br](mailto:marcotulio@letras.ufrj.br). Orcid: 0000-0001-8227-5144

**KEYWORDS :** *First person plural imperative; Future periphrase and simple future; Linguistic variation in Spanish; Instruction; Proposition.*

**RESUMEN:** *La posibilidad de alternancia entre las formas verbales imperativas y la perífrasis de futuro flexionadas en primera persona del plural en español ("hagamos" y "vamos a hacer", respectivamente) es un fenómeno aún poco estudiado y su atestación en la literatura (SEDANO, 1994; GÓMEZ TORREGO, 1999; MARTÍN, 2009), además de escasa, se limita a su observación para la expresión de un solo valor expresivo, el exhortativo. Además, el tema aún no se ha tratado con mayor profundidad y no se ha planteado ninguna explicación posible para su existencia. Dada esta brecha, este trabajo tiene como objetivo investigar la alternancia mencionada entre las formas para la expresión de la función comunicativa proposicional. Además, en esta investigación proponemos, aun, el cuestionamiento sobre la posibilidad de que el fenómeno ocurra para la expresión de otra función comunicativa: la instructiva, lo que todavía no ha sido abordado por ningún estudio. Este trabajo, por lo tanto, tiene una naturaleza cualitativa y analítica y se basa en la revisión de la literatura sobre el tema y en el análisis de datos seleccionados de materiales audiovisuales de diferentes variedades del español.*

**PALABRAS-CLAVE:** *Imperativo; Futuro perifrástico; Primera persona del plural; Variación lingüística en español; Instrucción; Proposición*

## Introdução

Diversos estudos têm dedicado esforços à descrição e análise de fenômenos variáveis em variedades do espanhol. Como mostram Silva-Corvalán (2001) e Blas Arroyo (2005), a variação linguística pode ocorrer em diferentes níveis da língua, como o fonético-fonológico, morfossintático, semântico-lexical e pragmático. No âmbito da morfossintaxe verbal, escopo deste artigo, contamos com muitas contribuições a respeito da variação entre formas de futuro (futuro sintético *versus* futuro perifrástico) e passado (pretérito indefinido *versus* pretérito perfeito), somente para citar alguns exemplos.

Neste artigo, direcionamos o olhar a um fenômeno de variação linguística pouco explorado até o momento: a possibilidade de alternância entre o imperativo (*doravante* IMP) e o futuro perifrástico (*doravante* FP) flexionados na primeira pessoa do plural em espanhol (*hagamos* e *vamos a hacer*, respectivamente), na expressão de proposições e instruções.

Este tema não parece ter sido ainda tratado de maneira exclusiva e aprofundada por nenhum outro estudo, de modo que o que encontramos na literatura (SEDANO, 1994; GÓMEZ TORREGO, 1999; MARTÍN, 2009) são apenas menções genéricas e restritas que apontam a viabilidade do intercâmbio entre as formas, sem, contudo, fornecer maiores explicações ou hipóteses para o entendimento do fenômeno.

Mercedes Sedano (1994, p. 229) registra a possibilidade de alternância entre o FP e o presente do subjuntivo<sup>3</sup> quando aquela é usada pelo falante para exortar seus interlocutores a unirem-se a ele para fazer algo. Em seu estudo, a autora traz somente um único exemplo da forma perifrástica:

“... **vamos a metérselo** en el bolso, pa’ que cuando consigo ella el sapo pegue un grito.” (grifos nossos).

Leonardo Gómez Torrego, na *Gramática Descriptiva de la Lengua Española* (1999, p. 3369), também aponta para a equivalência entre o FP e o IMP: “Em ocasiões, com o auxiliar na primeira pessoa do plural, (...) domina um valor claramente exortativo. Nesses casos, cabe a substituição por um presente do subjuntivo com valor imperativo (...)”<sup>4</sup>. Diferentemente de Mercedes Sedano (1994), Gómez Torrego (1999, p. 3369) fornece exemplos das duas formas:

- a. *Vamos a pensar* que se puede hacer (= <<**pensemos** que se puede hacer>>).
- b. *Venga, vamos a tomar* otra copita (= <<venga, **tomemos** otra copita>>).  
(grifos nossos)

Ana Bravo Martín (2009, p. 195) salienta a mesma possibilidade: “(...) é próprio também da perífrase quando aparece em primeira pessoa do plural e equivale ao imperativo”<sup>5</sup>, explicando que: “(...) o uso inclusivo da primeira pessoa do plural explica que se possa empregar [o FP] com valor exortativo e, por conseguinte, que possa alternar com o imperativo” (MARTÍN, 2009, p. 195)<sup>6</sup>. A autora ainda apresenta os seguintes exemplos:

- *Vamos a darle* una voz. [R. Sánchez Ferlosio, *EJ*: 60]
- *Démosle* una voz (MARTÍN, 2009, p. 195)
- *Vamos a esperarle* => *Esperémosle*.
- *Vamos a visitarle* al hospital => *Vayamos* a visitarle al hospital (MARTÍN, 2009, p. 24, grifos nossos).

<sup>3</sup> Com relação à menção da autora ao presente do subjuntivo, podemos interpretar a nomenclatura como inclusiva do nosso objeto de estudo - o imperativo na primeira pessoa do plural -, seja porque o imperativo é frequentemente considerado um subjuntivo, seja porque a 1ª pessoa do plural do imperativo coincide morfológicamente com o presente do subjuntivo.

<sup>4</sup> Do original, em espanhol: “En ocasiones, con el auxiliar en primera persona del plural, (...) domina un valor claramente exortativo. En estos casos, cabe la sustitución por un presente de subjuntivo con valor imperativo” (tradução nossa).

<sup>5</sup> Do original, em espanhol: “es propio también de la perífrasis cuando aparece en primera persona del plural y equivale al imperativo” (tradução nossa).

<sup>6</sup> Do original, em espanhol: “(...) El uso inclusivo de la primera persona del plural explica que pueda emplearse con valor exortativo y, por consiguiente, que pueda alternar con el imperativo” (tradução nossa).

Debruçando-nos sobre os apontamentos supracitados, percebemos que o ponto convergente entre as menções à possibilidade de alternância entre o IMP e o FP é o valor exortativo expresso pelas formas verbais. A noção de *exortação* apresentada pelos autores pode ser vista como uma categoria semântica genérica e abrangente que compreende a ação em que o enunciador interage com seu(s) interlocutor(es) a fim de estimulá-lo(s) ou mesmo persuadi-lo(s) a realizarem algo com ele. Entendemos, aqui, que nesta macrocategoria estaria contemplada a ideia de *propor*, razão pela qual fazemos referência, a partir daqui, à função proposicional (ou expressão de proposições) contida nas exortações.

Como se observa, a literatura mencionada não apresenta maiores esclarecimentos ou análises aprofundadas sobre as razões para as equivalências entre o IMP e o FP. Diante desse cenário, duas questões centrais se colocam: (i) como entender a possibilidade de alternância entre o IMP e o FP na expressão da função proposicional? Em outras palavras, que aspectos dessas formas verbais poderiam explicar essa possível variação já descrita na literatura?; (ii) a possibilidade de alternância entre o IMP e o FP se restringe à função proposicional ou poderia também ser encontrada na expressão de outras funções comunicativas?

Com base em preceitos teórico-metodológicos advindos da Sociolinguística, o objetivo principal deste estudo é, portanto, legitimar, fortalecer e testar a afirmação constante na literatura sobre a possibilidade de alternância entre o IMP e o FP, na expressão de proposições (função comunicativa proposicional), a partir de novos dados e do levantamento das noções verbais do IMP e do FP que subjazem a variação; além disso, investigamos, também, a possível extensão do fenômeno à função comunicativa de instruir (expressão de instruções).

Para atender ao nosso objetivo, bem como responder às perguntas levantadas, este trabalho, que é um recorte da dissertação de mestrado de TORRES (2020), está organizado da seguinte forma: na primeira seção, trazemos noções gerais do quadro teórico da Sociolinguística, que orienta a pesquisa, assim como os procedimentos metodológicos utilizados para a constituição do *corpus* e tratamento dos dados. Os resultados são apresentados na segunda seção, de acordo com as funções comunicativas investigadas: função comunicativa proposicional (subseção 2.1) e função comunicativa instrucional (subseção 2.2). Por fim, apresentamos as considerações finais e as referências bibliográficas utilizadas.

## 1 Aspectos teóricos e metodológicos

A Sociolinguística é um dos ramos da Linguística que considera o entrecruzamento entre a seara social e a linguística. Inaugurada pelo clássico trabalho de Weinreich, Labov e Herzog (1968) e mais consistentemente sistematizada por William Labov, esta escola teórica abrange um campo de abordagens vasto e diverso que se conectam pelo fato de todas estudarem a língua em estreita relação com seus aspectos exteriores.

O conceito chave, que abarca e permite conectar todas as dimensões e interconexões linguísticas e extralinguísticas, advém do reconhecimento da variação e conseqüente natureza variável da língua, isto é, de que as línguas comportam a possibilidade de coexistência de diferentes realizações de um mesmo valor (em qualquer nível: fonético-fonológico, morfológico, morfossintático - caso do nosso objeto de estudo-, sintático, semântico, lexical entre outros), a qual se dá, porém, de forma ordenada e condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos e não de maneira fortuita e caótica.

O estudo da variação, pressupõe, portanto, o reconhecimento dessas formas diversas de se dizer o mesmo, as chamadas variantes - outro conceito fundamental para a Teoria da Variação e da Mudança. As variantes compartilham a expressão de uma mesma função comunicativa ou mesmo lugar funcional no sistema linguístico. Isto é, são duas ou mais maneiras de idêntico valor referencial ou de verdade, mas que podem se opor quanto ao seu significado social e/ou estilístico (LABOV, 1972).

Ainda com relação à noção de variantes, cabe mencionar que o conceito é frequentemente adotado no escopo dos estudos fonológicos, possivelmente pela maior facilidade com que se podem reconhecer as variantes nesta esfera da língua. Fora dela, porém, nem sempre são aceitas análises de variantes, como por exemplo, no domínio da morfossintaxe, caso em que alguns linguistas as reconhecem e outros as rechaçam.

Tal embate se manifesta no diálogo entre Lavandera (1978) e Labov (1978), sendo a partir dele discutido na Sociolinguística a possibilidade de estender a noção da regra variável para além do âmbito da fonética e fonologia. Em suma, os dois autores se debruçam sobre as seguintes questões: i) é possível estender a noção de regra variável para além da fonética? ii) uma variável motivada por fatores internos (apenas) consiste em uma variável sociolinguística?

Labov responde afirmativamente aos dois questionamentos, enquanto Lavandera os nega. Mais adiante, Labov publica o trabalho *Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz*

*Lavandera* (1978), em que defende não haver nenhum óbice em se estabelecer equivalências de significado também no domínio da sintaxe.

Destacamos essa discussão para salientar que, neste trabalho, adotamos um conceito de variantes mais lato do que o conceito inicialmente proposto pela teoria, já que estamos tratando de variação morfossintática. Isto é, as variantes não necessariamente têm o mesmo valor de verdade, mas apresentam o mesmo valor básico referencial. No caso desta pesquisa, é de nosso interesse investigar se as formas flexionadas em primeira pessoa do plural do IMP e do FP podem ser consideradas variantes para as variáveis relacionadas à expressão das funções comunicativas *proposicional* e *instrucional*.

Quanto à metodologia empregada neste estudo, bem como a escolha e composição do *corpus* para análise, seguimos os seguintes procedimentos. Com relação ao *corpus*, devemos ressaltar, primeiramente, que optamos por estudar a realização dos fenômenos na modalidade oral da língua e, dentre a gama de possibilidades de materiais e metodologias para observação de dados linguísticos, escolhemos buscar as formas variantes em cenas de materiais audiovisuais. Ao todo, selecionamos e analisamos, em TORRES (2020), doze cenas de materiais audiovisuais de gêneros e nacionalidades distintos cujos enunciados transcritos constituíram, portanto, nosso *corpus*.

Entre as razões para a constituição de um *corpus* próprio está especificamente o conteúdo audiovisual, além de contemplar a modalidade oral da língua, há a peculiaridade das funções comunicativas (proposicional e instrucional) e as formas variantes em estudo (flexão na primeira pessoa do plural), pois algumas das metodologias típicas de estudos sociolinguísticos como a entrevista, por exemplo, tornavam-se pouco produtivas. Pelo mesmo motivo, o uso de *corpora* já constituídos e disponibilizados online em grandes plataformas também não se mostrou como uma possibilidade atraente.

A opção por constituir o *corpus* nos moldes já explicados, se por um lado correspondeu a um ganho em abrangência e maior liberdade de escolha e composição, por ser a seleção feita por nós, por outro consistiu em um trabalho de busca “no escuro”, já que não havia como saber se encontraríamos alguma das formas variantes nos materiais acessados. Dito de outra forma, nossas buscas se baseavam sobretudo em intuição, palpites e hipóteses, conjecturando a partir do que conhecíamos sobre o contexto do filme, vídeo etc. sobre a possibilidade de haver cenas em que se manifestassem a função proposicional ou instrucional e o uso das formas variantes. Essas projeções algumas vezes se confirmaram, e outras apenas nos fizeram seguir buscando e remodelando estratégias de busca.

Ainda quanto à escolha dos materiais, tentamos sempre que possível diversificar o gênero (filmes, sketches cômicos, tutoriais, episódios de seriados televisivos entre outros), e a procedência (Argentina, Chile, México, Uruguai, Espanha), com o propósito de encampar a maior variedade possível de contextos de realizações dos fenômenos e o maior número possível de variedades do espanhol, até mesmo pela possibilidade de abrir novas hipóteses para estudos futuros quanto à extensão do fenômeno ou sua restrição a alguma ou algumas variedades.

Para iniciar nossas buscas, já que não utilizaríamos um *corpus* constituído, questionamo-nos sobre o local onde encontrar os dados e nos ocorreu a plataforma *www.youtube.com*, de onde a maior parte dos materiais foi selecionada, primeiramente por ser uma plataforma de volumoso conteúdo audiovisual global, o que possibilitaria encontrar muitos materiais de diversas variedades do espanhol; e, em segundo lugar, por ser de acesso gratuito, o que além de facilitar a busca, permitiria a possível exibição futura dos materiais para a exposição dos dados, por exemplo.

O critério inicial para a busca dos materiais era, logicamente, que a produção fosse realizada em contexto hispano-falante. É dizer, não apenas que a língua utilizada no vídeo fosse a espanhola, mas que o conteúdo fosse também falado por falantes nativos e preferencialmente, para um público também nativo.

O desenho final do *corpus* pode ser visto no quadro abaixo:

**Quadro 1:** *Corpus* de materiais audiovisuais constituído por TORRES (2020).

Título do vídeo	Procedência	Função comunicativa presente no dado e “gênero” predominante da cena	País	Data de publicação do vídeo	Duração do vídeo (em horas)
“TIRANOS TEMBLAD I ESPECIAL DE VERANO 02I01/02/14 al 28/02/14”	Youtube ( <a href="https://www.youtube.com/watch?v=0IrNHHGREwo">https://www.youtube.com/watch?v=0IrNHHGREwo</a> )	função proposicional / “gênero” ficcional	Uruguai	2/05/2014	0:11:36

“CHICAS INSEGURAS”	Youtube ( <a href="https://www.youtube.com/watch?v=xS0DVNPJivg">https://www.youtube.com/watch?v=xS0DVNPJivg</a> )	Função proposicional / “gênero” ficcional	Argentina	27/11/2014	0:6:36
“Shark Tank México- La Mordida Perfecta – Episodio 7”	Youtube ( <a href="https://www.youtube.com/watch?v=tZa7u CpYIVE">https://www.youtube.com/watch?v=tZa7u CpYIVE</a> )	Função proposicional / “gênero” reality show	México	26/05/2018	0:4:22
“CUALCA PESADILLA”	Youtube ( <a href="https://www.youtube.com/watch?v=WJMfrH0tVHg">https://www.youtube.com/watch?v=WJMfrH0tVHg</a> )	Função proposicional / “gênero” ficcional	Argentina	13/12/2014	0:7:19
“GUILLE AQUINO Sketch - FAMILIA ANTI VACUNAS”	( <a href="https://www.youtube.com/watch?v=i3nRgFKFhFU">https://www.youtube.com/watch?v=i3nRgFKFhFU</a> )	Função proposicional / “gênero” ficcional	Argentina	20/04/2019	0:4:32
“Perfectos desconocidos”	Netflix	Função proposicional / “gênero” ficcional	Espanha	2017	01:37:00
“Perfectos desconocidos I Perfect strangers”	Youtube ( <a href="https://www.youtube.com/watch?v=XIc-4AwGKgM">https://www.youtube.com/watch?v=XIc-4AwGKgM</a> )	Função proposicional / “gênero” ficcional	México	13/11/ 2018	0:2:03
“¿Por qué nos emociona la música?”	TED Talks ( <a href="https://www.ted.com/talks/paol">https://www.ted.com/talks/paol</a> )	Função instrucional/	Chile	04/2018	

	<a href="#">o_bortolameolli_por_que_nos_e_mociona_la_musica.</a> )	“gênero” palestra			
“Chavo del Ocho – Don Ramón Profesor”	Youtube ( <a href="https://www.youtube.com/watch?v=71tq0K1rO94">https://www.youtube.com/watch?v=71tq0K1rO94</a> .)	Função instrucional/ “gênero” ficcional	México	7/09/2007	0:5:31
：“¿Cómo me fue en el YoutubeEducon LATAN 2019? #Edutubers”	Youtube ( <a href="https://www.youtube.com/watch?v=S_zzyzHVOCg&amp;t=19s">https://www.youtube.com/watch?v=S_zzyzHVOCg&amp;t=19s</a> )	Função instrucional/ “gênero” didático	Chile	31/07/2019	0:13:21
Padre de policia- Peter Capusotto y sus Videos	Youtube ( <a href="https://www.youtube.com/watch?v=s-jXiAP-YxQ">https://www.youtube.com/watch?v=s-jXiAP-YxQ</a> )	Função instrucional/ “gênero” ficcional	Argentina	11/02/2018	0:3:45
“EL PIB de Equilibrio/Ejercicio de Macroeconomía 4”	Youtube ( <a href="https://www.youtube.com/watch?v=TTXYR6EYOvo">https://www.youtube.com/watch?v=TTXYR6EYOvo</a> ).	Função instrucional/ “gênero” didático	Chile	1/04/2015	0:5:53

Fonte: Elaboração própria.

Como se pode ver no quadro acima, os dados foram selecionados, em sua vasta maioria, do site “[www.youtube.com](http://www.youtube.com)”, de vídeos cuja extensão é semelhante (até dez minutos), com poucas exceções, como o longa-metragem “*Perfectos Desconocidos*”. Importante ressaltar que, no quadro acima, registramos a extensão total dos vídeos consultados, embora nosso *corpus* esteja constituído apenas pelas transcrições dos enunciados que contivessem nossos dados. Ou seja, não realizamos a

transcrição total dos vídeos e de acordo com normas e critérios próprios das transcrições, mas tão somente dos trechos de interesse (que apresentassem os dados a serem analisados posteriormente).

Ademais, buscamos coletar quantidades próximas de dados representativos de cada uma das funções comunicativas em estudo: 7 dados para a proposicional e 5 para a instrucional. Já com relação ao gênero e ao país de produção, propositalmente há maior diversidade: foram obtidos materiais representativos de cinco países diferentes e quatro “gêneros” diversos.

Finalizada a seleção das doze cenas que constituíram o *corpus* de TORRES (2020), iniciamos o levantamento das ocorrências de verbos no IMP ou no FP, flexionados na primeira pessoa do plural e empregados em contextos de proposições ou instruções, conforme os critérios atribuídos a cada uma dessas funções comunicativas. Para isso, levamos em consideração a cena, o enredo e a relação interpessoal estabelecida entre os interlocutores.

Após descrevermos o contexto e indicar a qual função comunicativa o enunciado correspondia, resgatamos, de literatura específica sobre o tema, as características das formas verbais com as quais poderíamos estabelecer algum tipo de relação entre a possibilidade do uso da forma, o contexto e a função comunicativa dos enunciados, a fim de traçar caminhos de compatibilidade, aproximação ou ao menos verificar impedimentos às nossas intuições e percepções.

Ademais, contamos também com o auxílio de falantes nativos na verificação de todas as inferências e análises feitas dos enunciados selecionados a respeito da (a)gramaticalidade / adequabilidade da utilização de cada uma das formas verbais nos dados analisados. O grupo estava composto por seis integrantes cujas nacionalidades eram: argentina, colombiana, espanhola, equatoriana, mexicana e uruguaia. Nenhum deles era estudante ou possuía alguma formação na área de Letras, e suas profissões eram, respectivamente: arquiteto, antropóloga, historiador da arte, advogado e publicitário. Basicamente, o procedimento consistiu em reproduzir as cenas em que figuravam os enunciados aos integrantes do grupo e, em seguida, apresentar nossas hipóteses sobre as possibilidades de substituição da forma verbal realizada no enunciado e a correspondente à possível variável. Exemplificando: se em determinado enunciado a forma que ocorresse fosse o IMP *Entremos*, e, se entendêssemos ser um caso de possível alternância, proporíamos a substituição pelo FP correspondente, isto é, *Vamos a entrar*, e então solicitávamos a concordância e confirmação dos falantes, as quais obtivemos para todos os dados.

Após a descrição individualizada de cada um dos dados, estabelecemos algumas sistematizações que nos permitiram levantar hipóteses gerais.

Para concluir a exposição sobre a metodologia deste estudo, resgatamos a explicação do procedimento, segundo Labov (1978, p. 5-6), que o pesquisador deve realizar para atestar se um fenômeno pode ser considerado variável: o isolamento e a definição dos elementos variantes dentro das mesmas dimensões em resposta ao mesmo estado de coisas, e o isolamento do contexto em que a variação se encontra.

Considerando a explicação supramencionada do mentor da teoria, podemos relacionar os passos destacados com nossos procedimentos metodológicos. Isto é, definimos os elementos que consideramos potencialmente variantes (o IMP e o FP flexionados na primeira pessoa do plural) e pesquisamos na literatura os principais traços e funções expressivas das formas descritos em manuais, gramáticas, entre outros estudos. Ademais, em nossas análises, isolamos as formas (considerando sua possibilidade ou não de substituição nos enunciados extraídos dos materiais audiovisuais) e observamos essas variantes potenciais em resposta ao mesmo estado de coisa, isto é, aos mesmos e exatos contextos e enunciados (já que a partir do contexto das cenas, fizemos inferências sobre a possibilidade de intercâmbio entre as formas). Por fim, também isolamos o contexto dos enunciados em que figuravam as formas verbais, delimitando claramente as características e razões para a classificação de cada enunciado como representativo das funções comunicativas selecionadas (proposicional e instrucional).

## 2 Descrição e análise dos dados

Pelos limites deste texto, nesta seção, exploramos quatro dos dados constitutivos de nosso *corpus*: os dois primeiros representativos da função comunicativa proposicional e os dois últimos da instrucional.

### 2.1 Função comunicativa proposicional

O primeiro dado representativo da função comunicativa proposicional a ser descrito e analisado foi extraído de um sketch do canal de humor argentino no *Youtube* chamado Guille Aquino intitulado “Familia anti vacunas”. Nele, há um casal com seu bebê e um amigo que vai visitá-los. O enredo do vídeo e o seu efeito de humor advém do fato de que o casal é radicalmente contrário à vacinação e quando contam ao amigo (Guillermo) que não vacinaram a filha que está no colo dele neste momento, este fica perplexo, achando o fato asqueroso e, por isso, passa a agir de maneira

exagerada como se estivesse sido contagiado por alguma doença. Diante dessa conduta forçada e escandalosa do amigo, a mulher do casal intervém:

(1) - No **exageremos**, ¡tampoco!

No entanto, Guillermo não deixa de agir daquela maneira, e refutando o argumento dos pais da criança de que as vacinas não são necessárias, pois a própria natureza cuidará da saúde da filha, diz, ironicamente:

(2) - ¡**Vayámonos** todos! **Vamos a comer**, **vamos a comer** y que se quede acá... ¡Sola!  
¡Que la cuida la naturaleza!

Classificamos a função comunicativa em (1) (*No exageremos, ¡tampoco!*) como proposicional, já que a enunciadora está propondo, ainda que de forma figurada, a seu interlocutor que não exagerem nas reações. Em (2) (*¡Vayámonos todos! Vamos a comer, vamos a comer (...)*), também entendemos estar presente a função proposicional, assim como em (1), já que o falante propõe a seus interlocutores que façam algo - a saber: sair de casa para comer - incluído ele próprio.

Estabelecida a função comunicativa que, conforme nosso entendimento, faz-se presente nos enunciados, passemos à análise das formas verbais utilizadas, a começar pelas formas imperativas *no exageremos* e *vayámonos*. Podemos relacionar seu uso para a função proposicional com valores expressivos mencionados na literatura sobre o tema.

Emílio Alarcos Llorach, na *Gramática de la lengua española* (1999, p. 150) afirma que o modo imperativo expressa apelação e Bello (1995, p. 195), por sua vez, apresenta visão mais ampla sobre a descrição das funções do imperativo e traz o valor expressivo de rogo e da súplica: “O imperativo não somente exprime o mandato, como parece dar a entender seu nome, mas também o rogo, e ainda a súplica mais prostrada e submissa”. (grifo nosso).<sup>7</sup> O *Esbozo de una nueva gramática de la lengua española*, (RAE, 1973, p. 460) sinaliza que o imperativo responde à função ativa da linguagem e descreve uma gama de usos a que corresponde o seu emprego como a exortação e o rogo.

Calvo (1980, p. 64) destaca outros importantes usos do imperativo que podemos relacionar

---

<sup>7</sup> Do original, em espanhol: “El imperativo no sólo exprime el mandato, como parece darlo a entender su nombre, sino el ruego, y aun la súplica más prostrada y sumisa”. (tradução nossa).

com a expressão de proposições que são o rogo, a petição, o convite e a súplica. Garrido Medina, na *Gramática Descriptiva de la Lengua Española* (v. 3, p. 3918), aponta os usos de rogo e sugestão e destaca que a oração imperativa apresenta explicitamente a *relação em que o falante solicita ao ouvinte a realização da ação*.<sup>8</sup>

Por conseguinte, os valores de apelação, rogo, súplica, exortação, petição, convite e a função abrangente de solicitar ao ouvinte a realização da ação nos parecem estar intimamente ligados à função de propor, sendo, na verdade, conforme nosso entendimento, usos que compõem essa função comunicativa.

Com relação a *vamos a comer*, trata-se de um FP, isto é, da perífrase *ir+a+infinitivo* e sobre ela, tracemos algumas ponderações iniciais. Gili Gaya (1961, p. 107) explica que as frases verbais constituídas por um verbo auxiliar seguido por um infinitivo possuem um sentido geral de ação progressiva dirigida ao futuro. O autor também aponta que esta direção é medida a partir do tempo em que está conjugado o verbo auxiliar e não a partir do momento em que se fala.

A respeito particularmente do FP (*ir+a+infinitivo*), conforme o mesmo autor (*idem*) e também o *Esbozo de una nueva gramática de la lengua española* (1973, p. 446), a perífrase verbal frequentemente forma expressões incoativas e pelo fato de apresentar um verbo auxiliar seguido de um infinitivo sua ação tem um sentido geral de ação dirigida ao futuro.

Passemos a especificar os traços expressivos do FP, apontados pela literatura, com os quais podemos estabelecer vínculos com seu uso nas proposições. Começemos pela característica de *futuro imediato ou próximo ao presente*: para Gómez Torrego (1999, p. 3368), este futuro costuma ser imediato na realidade física ou na realidade psicológica, subjetiva, do falante; em outras palavras, com a perífrase, a futuridade se vê mais próxima e, inclusive, mais certa na percepção do falante. Cartagena (1999, p. 2968) também descreve a perífrase como um futuro de maior proximidade temporal por pertencer ao presente. Matte Bon (2006, p. 26), por sua vez, afirma que o FP é utilizado frequentemente para anunciar feitos futuros com diferentes matizes como predição, promessa e intenção imediata, e que devido a este último diz-se com frequência que o FP se trata de um futuro imediato. Podemos relacionar esses traços do FP à expressão das proposições, já que nelas, muitas vezes, o enunciador propõe algo para ser realizado imediatamente ou em um curto lapso de tempo,

---

<sup>8</sup> Do original, em espanhol: La oración imperativa introduce por tanto la representación del oyente y del hablante, y presenta explicitamente la relación de que el hablante le solicita al oyente la realización de la acción. Con la intervención de la requerida información adicional esta acción de solicitar se especifica como ruego, sugerencia u orden terminante. Esta información se introduce en el discurso o se supone en él” (tradução nossa).

justamente por se tratarem, em muitos casos, de ações cotidianas, de simples ou mesmo rápida realização.

Outra característica do FP a qual podemos estabelecer aproximação com a função comunicativa proposicional é a expressão da *implicação subjetiva do falante*, conforme Matte Bon (2006, p. 35), que indica que o uso do FP implica grande participação subjetiva do enunciador, por isso é mais típico dos registros informais (pois, segundo ele, um dos traços que caracterizam os registros formais é que tendem a apagar as marcas de subjetividade) e das conversas. É coerente raciocinar que, como nas proposições o enunciador se inclui na ação que propõe, ele está evidentemente envolvido subjetivamente com seu enunciado.

Ademais, tem-se a expressão no FP de *certeza e comprometimento* do enunciador para com o enunciado. Conforme Matte Bon (2006, p. 22), o emprego da forma denota certeza, segurança, comprometimento e convencimento do enunciador com relação aos feitos que se afirma. O autor também explica que a utilização da perífrase é mais normal quando se trata de reiterar um compromisso assumido anteriormente pelo enunciador, ou de expressar uma decisão que o enunciador já havia tomado. Fernández de Castro (1999, p. 213) também aponta que, de maneira geral, o FP se associa principalmente a uma atitude assertiva, de confiança por parte do falante com relação à realização ou não –nas orações negativas– da ação futura. Essa realização, a qual o autor chama de “transparente” por não estar mediatizada nem pela dúvida nem pela conjectura ou cálculo, é particularmente compatível com a predição pura, de maneira que nas realizações do FP não é sempre fácil determinar quando se trata de uma simples predição ou quando estão presentes valores modais de intenção ou certeza. Tais atributos do FP parecem aproximar-se de seu uso nas proposições, porquanto se o próprio enunciador é o proponente, ele detém grau de segurança e certeza sobre o que diz. Isto é, ao propor algo, ele se compromete com sua realização, além de ter convicção de que aquilo ocorrerá.

Por fim, destacamos a expressão no FP da intenção do falante para que seu interlocutor ou interlocutores *se unam a ele para fazer algo*, conforme explica Mercedes Sedano (1994, p. 229), entendimento também expresso por Gómez Torrego (1999, p. 3368-69) que aponta para o valor modal intencional da perífrase, o qual, em determinadas ocasiões, pode adicionar-se ao valor de futuridade.

Em virtude da aparente possibilidade de uso de ambas as formas (IMP e FP) para a expressão de proposições (verificada pelo efetivo emprego das formas no enunciado analisado), pelo uso alternado das formas em (2) e considerando as características supramencionadas apontadas na

literatura para o IMP e o FP, as quais indicam valores semelhantes ou ao menos consonantes, nosso entendimento é o de que ao enunciado aplica-se nossa hipótese de possível alternância entre as duas formas, isto é, poderíamos dizer que estamos diante de um caso de variação linguística.

A estas inferências que trazemos, podemos relacionar os comentários, já mencionados na Introdução deste trabalho, de Mercedes Sedano, Leonardo Gómez Torrego e Ana Bravo Martín sobre a viabilidade de intercâmbio entre as formas. Para além das menções desses autores, destacamos outro ponto que é o fato de que no enunciado (2) temos, no mesmo ato enunciativo a utilização alternada do IMP (*Vayámonos*) e do FP (*vamos a comer*), o que, ao nosso ver, pode configurar um indício da possibilidade de equivalência entre as duas formas, porquanto o contexto e a função comunicativa são os mesmos, isto é, são compartilhados pelas duas formas verbais.

O segundo dado analisado foi retirado de uma cena de um sketch do canal argentino de humor do *Youtube* “Cualca”, intitulado “Pesadilla”. Nele, há três personagens: o irmão, a irmã e seu novo namorado. Na cena que nos interessa, o irmão, que acaba de chegar de viagem, está com a irmã em frente à porta de entrada da casa desta. Os dois estão prestes a entrar, mas ela os detém e conta que tem uma surpresa: que conheceu o amor de sua vida, e que ele está dentro da casa. Após narrar tudo isso, ela diz:

(3) - “**Entremos** ¡vení!”

Aqui, entendemos a fala da irmã como uma proposta (a de que seu irmão entre na casa com ela), por isso consideramos o enunciado como proposicional. Contudo, devemos frisar que aqui a proposição tem valor quase retórico, pois parece remota ou mesmo inexistente a expectativa da irmã de que seu irmão dê uma resposta sobre concordar ou não com a proposta de entrar na casa. Por conseguinte, o enunciado tem um caráter um pouco mais assertivo para uma proposta, mas ainda assim o consideramos uma proposição e não uma ordem ou instrução, já que não há elementos que permitam interpretar a irmã como uma instrutora e, ainda que remota, a manifestação do irmão é plenamente possível.

Estabelecida a função comunicativa que entendemos ser a expressa pelo enunciado, passemos à análise da forma verbal, o IMP *Entremos*, resgatando da análise anterior os pontos de convergência entre as características apontadas na literatura para o IMP com a função proposicional, as quais sinteticamente, e para evitar a repetição exaustiva, colocamos a seguir: expressão de rogo, sugestão, petição, súplica (RAE, 1973; CALVO, 1980; BELLO, 1995; ALARCOS LLORACH, 1999; GARRIDO MEDINA, 1999) e de convite (CALVO, 1980).

Outrossim, conforme os traços do FP mencionados na análise do primeiro dado com os quais pudemos estabelecer relações com sua possibilidade de expressão de proposições, para este dado, *Entremos*, também consideramos caber a substituição do IMP pelo FP, isto é, a alternância entre a primeira forma e a o futuro *Vamos a entrar*.

## 2.2 Função comunicativa instrucional

Para o segundo caso, isto é, na descrição e análise da função comunicativa instrucional, trabalhamos com um vídeo de uma palestra denominada “¿Por qué nos emociona la música?” organizada e produzida pela plataforma *TED* e cujo palestrante, o músico Paolo Bortolameolli, é chileno.

Por ser uma palestra, consideramos que a função comunicativa expressa nos enunciados selecionados é a instrucional, já que neste tipo de contexto um enunciador – o palestrante – expõe algo aos seus interlocutores, ensinando e/ou instruindo-lhes e, por isso, por vezes lhes solicita a execução de ações, ainda que metafóricas (SILVESTRI, 1998; DE CASTRO, 2013), como é o caso das duas formas verbais destacadas do seguinte trecho da fala do palestrante:

(4) - “(...) Todo iba según lo había anticipado, hasta que de pronto ocurre algo increíble. Algo que hasta el día de hoy sigo considerando uno de los momentos musicales más perfectos jamás escritos, un milagro. La música, hace un rato, venía repitiendo un gesto (o palestrante senta e começa a tocar no piano a melodia a que se refere) - ¿Lo identifican? Pero además, una suceción de acordes que me hacían pensar que después de esto (e toca os acordes), seguramente, vendría esto (e toca o acorde no piano). Una suerte de “sentido común musical”. Pero no hay nada de milagroso en eso. O sea, humildemente, esa resolución podría haberla escrito yo, y de paso terminamos el movimiento y dejamos que la gente tosa tranquila y compulsivamente o que revisen su teléfono (ele brinca com a plateia). Pero esta música no la escribí yo. Y Beethoven es Beethoven por algo. **Retrocedamos** unos segundos de esa música (e a música é reproduzida no auditório). Todo esto sigue un patrón, y ya sabemos como debería concluir- (novos acordes tocam na música): Y esto? Esto no me lo esperaba. Un niño diría: como que te engaña... Esa nota salida de outro universo sonoro sorprende. La música, el ritmo, late apenas al filo de su extinción. Pero poco a poco se estabiliza, como dando señales vitales. De ese impulso brotan los violines y una línea melódica errática, intermitente, insegura

incluso, hasta que también encuentra consistencia. De esa forma, la música cautiva nuestra atención. Es un momento cargado de la promesa de un inminente desenlace. De ese algo que sabemos que va a ocurrir, que sin darnos cuenta, ya lo esperábamos (e a música se torna mais intensa). Después de eso, mi padre me miró y me abrazó emocionado. Yo sollozaba. Lo miré y le dije: ‘no sé por qué estoy llorando, si no es tristeza lo que siento’. Esse momento marcó mi vida. Fue ahí, a los siete años, que decidí dedicar mi vida a la música. Porque quería recrear ese momento, entenderlo y después compartir y contagiarlo. **Veamos** si podemos lograrlo aquí y ahora.”

Para melhor contextualizar a situação do excerto em tela, nele o palestrante descreve o momento que caracteriza como marcante em sua vida: quando aos sete anos de idade foi levado por seu pai a um concerto de música clássica pela primeira vez, do qual saiu chorando de emoção. A música que ele toca no piano é reproduzida no auditório e sobre a qual faz menção em sua fala é a Quinta Sinfonia de Beethoven.

Quanto ao uso das formas destacadas, podemos dizer que, por se tratar de contexto instrucional, o uso das duas formas no IMP, *Retrocedamos* e *Veamos*, expressa as instruções por parte do palestrante de que: sua audiência o acompanhe no retorno ao momento anterior da música (*Retrocedamos*) e veja – metaforicamente – algo (a possibilidade de que possa se reproduzir aquele momento de forte emoção provocada pela música o qual ele menciona) (*Veamos*), respectivamente.

Feitos esses apontamentos iniciais, passemos à análise de cada uma das formas verbais destacadas, as quais consideramos formas de imperativo, modo verbal típico da função instrucional (SILVESTRI, 1998, p. 15), pois tem como funções expressivas instruir, solicitar e aconselhar (GÓMEZ TORREGO, 1999, p. 3918; MATTE BON, 1992, p. 89; GONZÁLEZ ARGÜELLO, 2000, p. 386) e com a qual o palestrante expressa para seus ouvintes, conforme explica de Castro (2013, p. 323) sobre os significados apontados para esta função comunicativa: “um modo de proceder que orienta ao leitor ou, num nível sutil de instrucionalidade, a um modo de proceder para que tal e qual texto seja melhor compreendido”.

Garrido Medina (1999, p. 3918) explica que a oração imperativa apresenta explicitamente a relação de que o falante solicita ao seu ouvinte a realização de uma ação; Matte Bon (1992, p. 89), por sua vez, aponta como usos do imperativo dá conselhos e instruções; González Argüello (2000, p. 386) sinaliza a vinculação do modo imperativo às funções de dar instruções e conceder permissões; e Adriana Silvestri (1998, p. 15) coloca que o ato mais típico da instrução adota o imperativo.

Portanto, o emprego do IMP em contexto instrucional parece justificar-se pelas funções expressivas próprias do modo imperativo, isto é, a de instruir, aconselhar e permitir, as quais se verificam na cena analisada, já que o palestrante dá comandos ou orientações, guiando sua plateia na ação comunicativa: a narrativa que ele discorre.

Com relação à nossa hipótese de viabilidade de variação para estes enunciados, consideramos tratar-se de uma possibilidade de alternância entre o IMP e o FP. Em outras palavras, com base nos atributos do contexto e do uso das formas apontados, acreditamos que os enunciados comportam a equivalência entre o IMP e o FP (isto é, *Retrocedamos* por *Vamos a retroceder* e *Veamos* por *Vamos a ver*) sem prejuízos para a adequação gramatical e para o sentido do enunciado original.

Em razão da ausência de maiores explicações pela literatura e a fim de traçar caminhos de aproximação ou ao menos verificar impedimentos à nossa hipótese, a seguir, apresentamos características das formas verbais com as quais podemos estabelecer algum tipo de relação entre a possibilidade do uso da forma, o contexto e a função comunicativa dos enunciados.

Com relação ao FP, destacamos algumas características resgatadas da literatura. A primeira delas é o fato de que a forma expressa *futuro imediato* (SEDANO, 1994, p. 237; GÓMEZ TORREGO, 1999, p. 3367; FERNÁNDEZ DE CASTRO, 1999, p. 213). Nos enunciados destacados, com *Veamos* e *Retrocedamos*, ainda que a flexão no modo imperativo não permita diferenciar presente ou futuro como tempos gramaticais, as formas verbais fazem referência a um futuro real - o interlocutor solicita que se veja e se suponha algo prospectivamente, ou seja, após sua fala. Ademais, podemos, sob certa interpretação, considerar esse futuro como muito próximo ao presente, ou mesmo imediato. Logo, essa característica do FP parece ser adequada para os propósitos do enunciado.

Outra característica do FP, a qual podemos relacionar com seu uso instrucional, é o de que a forma expressa *certeza* (SEDANO, 1994, p. 237; FERNÁNDEZ DE CASTRO, 1999, p. 213) e *comprometimento* do enunciador para com o enunciado (MATTE BON, 2006, p. 26). Esses traços da perífrase também podem ser verificados no enunciado, que, por ser instrucional, o enunciador (palestrante) detém relativo domínio sobre o que anuncia. Isto é, de certa forma, ele tem certeza de que o que diz ocorrerá, ou poderá ser feito, justamente porque está comprometido com o que afirma. Em outras palavras, o instrutor não está meramente conjecturando, ele está, na verdade, anunciando algo, mas por meio de formas que disfarçam essa certeza de hipótese, de dúvida, adicionando um valor proposital e retórico de suspense.

Por fim, trazemos o valor do FP de expressar a *implicação subjetiva* do falante (MATTE BON, 2006, p. 35). Entendemos que essa característica do FP se compatibiliza com os aspectos da função instrucional, pois o instrutor apresenta algo que ele mesmo fará ou mostrará – já que é ele quem conduz o curso ou a palestra -, logo há uma implicação subjetiva com relação àquilo que ele anuncia, pois ele afirma que ocorrerá, já que ele mesmo realizará essa ação.

O segundo dado representativo da função instrucional foi extraído do vídeo intitulado “El PIB de Equilibrio/Ejercicio de Macroeconomía 4”. Trata-se de um tutorial em que o enunciador, o chileno Ignacio Sebastián, engenheiro financeiro, ensina a resolver um exercício da disciplina Macroeconomia, portanto consideramos o contexto como tipicamente instrucional.

Após uma breve apresentação, o tutor coloca os dados do exercício no quadro e segue sua explicação:

(5) - “Entonces, **veamos...** acá hay una guía que nos dieron en clases así que yo la quiero compartir con ustedes para que así todos tengamos muchos ejercicios para poder hacer (...).”

Aqui, novamente podemos apontar como principal fundamento para o emprego do IMP a relação entre modo imperativo e as instruções, sendo aquele uma das formas típicas deste tipo de enunciado, conforme já apontamos na análise anterior, de acordo com Silvestri (1998, p. 15), e devido a suas funções expressivas de instruir, sugerir e aconselhar (GARRIDO MEDINA, 1999, p. 3918; MATTE BON, 1992, p. 89; GONZÁLEZ ARGÜELLO, 2000, p. 386).

Em *veamos*, tem-se a função de guiar inferências comunicativas feitas pelo enunciador (ZORRAQUINO; LÁZARO, 1999, p. 4057), no caso a lista de exercícios a que Sebastián se refere (“una guía que nos dieron en clases”) e de sinalizar uma transição no enunciado, ultrapassando a oração (GILI GAYA, 1961, p. 323), isto é, o instrutor usa *veamos* para indicar o término de sua fala introdutória para iniciar a resolução das questões.

Feitos esses comentários a respeito do uso do imperativo, destacamos nossa hipótese de viabilidade de uso do FP, isto é, da equivalência entre *veamos* e *vamos a ver*, em que destacamos as relações entre as características do FP apontadas nas obras lidas com o uso do IMP e o contexto verificado na cena.

Outrossim, adicionalmente aos aspectos do FP já apontados, para este caso especialmente, podemos indicar uma outra possibilidade de interpretação relacionada à nossa hipótese de variação

entre o IMP e o FP, que é a de considerar que a forma de futuro, assim como a imperativa, desempenha a função de marcador discursivo. Vale ressaltar que esse entendimento pode estar relacionado com o que Gómez Torrego (1999, p. 3371) chama de sentido fático de FP: aquele em que a forma é utilizada, por exemplo, “em perguntas ao início de conversas para chamar a atenção do ouvinte, utilizando o auxiliar na primeira pessoa do plural no presente do indicativo e o verbo principal ‘ver’”. Isto é, o autor, ainda que não mencione explicitamente a nomenclatura ‘marcador discursivo’, descreve o que ele denomina “sentido fático” da perífrase como algo, ao nosso ver, extremamente semelhante ao valor atribuído a IMP como marcador discursivo. Ademais, Gómez Torrego ilustra sua explicação exatamente com o mesmo verbo principal ao qual nos debruçamos nesta análise: “*ver*” em “*vamos a ver*”.

### **Considerações Finais**

A partir de nossas análises, podemos ponderar algumas reflexões finais, além de responder nossas perguntas de pesquisa as quais retomamos a seguir: (i) como entender a possibilidade de alternância entre o IMP e o FP na função proposicional? Em outras palavras, que aspectos dessas formas verbais poderiam explicar essa aparente variação?; e (ii) a possibilidade de alternância entre o IMP e o FP se restringe à função proposicional ou poderia também ser encontrada em outras funções comunicativas?

Antes de respondermos às perguntas, vale ressaltar mais uma vez que, em virtude da falta de respaldo considerável na literatura para nosso objeto de estudo, coube a nós buscar, observar e relacionar os pontos abordados na literatura sobre as características das funções comunicativas e os contextos dos dados para inferir possíveis explicações às nossas hipóteses.

Feito este comentário, respondamos à primeira pergunta que diz respeito a como compreender a possibilidade de alternância entre o IMP e o FP na expressão de proposições: consideramos que a possibilidade existe, pois as duas formas compartilham a expressão de proposições, isto é, a função comunicativa proposicional, conforme inferimos e explicamos nos dados representativos dessa função comunicativa em nossas análises e inferências que, vale lembrar, foram confirmadas por falantes nativos. Ademais, encontramos compatibilidade de valores e características das formas verbais com essa função comunicativa a partir das seguintes informações levantadas na literatura sobre as formas verbais. Para o IMP: expressão de rogo, sugestão, petição, súplica (RAE, 1973; CALVO, 1980; BELLO, 1995; ALARCOS LLORACH, 1999; GARRIDO MEDINA, 1999) e de

convite (CALVO, 1980); para o FP: (i) expressão de futuro próximo ao presente (SEDANO, 1994, p. 237; GÓMEZ TORREGO, 1999, p. 3367; FERNÁNDEZ DE CASTRO, 1999, p. 213): nas proposições, o enunciador propõe algo para ser realizado imediatamente ou em um curto período de tempo, justamente por se tratarem de ações cotidianas, de simples ou mesmo rápida realização; (ii) implicação subjetiva do falante (MATTE BON, 2006, p. 35): como nas proposições, o enunciador se inclui na ação que propõe estando evidente e subjetivamente envolvido com seu enunciado; (iii) expressão de certeza e comprometimento do enunciador para com o enunciado (MATTE BON, 2006, p. 26): se o próprio enunciador é o proponente, ele detém grau de segurança sobre o que diz. Isto é, ao propor, ele se compromete com sua realização, além de ter convicção de que aquilo ocorrerá; e, por fim, (iv) expressão da intenção do falante para que seu interlocutor ou interlocutores se unam a ele para fazer algo (SEDANO, 1994, p. 229).

Com relação à segunda pergunta (a possibilidade de alternância entre o IMP e o FP em outras funções comunicativas), entendemos que essa possibilidade de alternância não se restringe às proposições, sendo verificada também nas instruções, conforme observamos e inferimos a partir da análise dos nossos dados amparada pela revisão da literatura sobre os aspectos das formas verbais, sintetizado a seguir sobre o IMP: (i) relação próxima entre o modo imperativo e a função instrucional (SILVESTRI, 1998, p. 15); (ii) funções expressivas do modo imperativo de solicitar a realização de ações, instruir, sugerir e aconselhar (GARRIDO MEDINA, 1999, p. 3918; MATTE BON, 1992, p. 89 e GONZÁLEZ ARGÜELLO, 2000, p. 386); (iii) função de marcador discursivo em alguns dados analisados em que imprimem sentido fático (GÓMEZ TORREGO, 1999, p. 3371), relações extraoracionais, inferências comunicativas que facilitam o processamento cognitivo do discurso; e (iv) expressão de tempo futuro (BELLO, 1995, p. 145; GARRIDO MEDINA, 1999, v. 3, p. 3910). Já em relação ao FP: (i) expressão de futuro imediato ou iminente (SEDANO, 1994, p. 237; GÓMEZ TORREGO, 1999, p. 3367; FERNÁNDEZ DE CASTRO, 1999, p. 213); (ii) implicação subjetiva do enunciador (MATTE BON, 2006, p. 35); (iii) expressão de certeza em relação ao que se enuncia (SEDANO, 1994, p. 237; FERNÁNDEZ DE CASTRO, 1999, p. 213); e, por fim, (iv) expressão de comprometimento do falante para com o enunciado (MATTE BON, 2006, p. 26).

Logo, considerando esta aproximação e compatibilidade de valores e características das formas verbais com a função comunicativa instrucional, parece ser possível haver um fenômeno de variação entre o IMP e o FP no que tange à expressão de instruções.

Tendo em vista nossas observações, análises, posterior confirmação de nossas impressões com falantes nativos, e ressaltando o caráter analítico e descritivo dessa pesquisa, podemos traçar sinteticamente as seguintes ponderações finais: (a) consideramos ser *possível* a existência de variação entre o FP e o IMP para a expressão da *função comunicativa proposicional*; e (b) a *função de instruir* também parece comportar um caso de variação entre as mesmas formas.

Um último ponto a ser destacado na conclusão deste trabalho é o da possível abrangência de realização dos fenômenos destacados em relação às variedades do espanhol, porquanto em nosso *corpus*, obtivemos dados de diferentes variedades (Argentina, Chile, Espanha, México, Uruguai).

## Referências

ALARCOS LLORACH, Emílio. **Gramática de la lengua española**, Madrid, Espasa-Calpe, 1999, p. 150-154.

BELLO, Andres. **Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos**. Caracas. La casa de Bello, 1995, p. 143-195.

BLAS ARROYO, Jose Luis. **Sociolingüística del Español: desarrollos y perspectivas en el estudio de la lengua española en contexto social**. Madrid: Cátedra, 2005.

DE CASTRO, Onireves Monteiro. **Descrição e funcionalidade: o caso do gênero textual instrucional**. Interdisciplinar: Edição Especial ABRALIN/SE, Itabaiana/SE, Ano VIII, v.17, jan./jun. 2013. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1329>>. Acesso em 01/02/2020.

FERNÁNDEZ DE CASTRO, Félix. **Las perífrasis verbales en el español actual**. Madrid, Gredos. 1999. Disponível em: <[https://www.academia.edu/2305157/Las\\_per%C3%ADfrasis\\_verbales\\_en\\_espa%C3%B1ol\\_actual](https://www.academia.edu/2305157/Las_per%C3%ADfrasis_verbales_en_espa%C3%B1ol_actual)>. Acesso em 12/09/2020.

GARRIDO MEDINA, Joaquín. **Los actos de habla. Las oraciones imperativas**. In: BOSQUE, Ignacio (dir.); DEMONTE; Violeta (dir): Gramática descriptiva de la lengua española, Madrid, Espasa-Calpe, 1999, p. 3879-3929.

GILI GAYA, Samuel. **Curso superior de sintaxis española**. Barcelona, Vox. 1961, p. 55- 142/165-166.

GÓMEZ TORREGO, Leonardo. **Los verbos auxiliares. Las perífrasis verbales de infinitivo**. In: BOSQUE, Ignacio (dir.); DEMONTE; Violeta (dir): Gramática descriptiva de la lengua española. Madrid, Espasa-Calpe, 1999, p. 3223-3391.

GONZÁLEZ ARGÜELLO, María Vicenta. **El imperativo y su presentación en los manuales de español como lengua extranjera para nivel principiante**. In: ¿Qué español enseñar?: norma y

variación lingüísticas en la enseñanza del español a extranjeros: actas del XI Congreso Internacional ASELE, Zaragoza 13-16 de septiembre de 2000, ISBN 84-95480-34-4, p. 383-392. Disponible en: <[El imperativo y su presentación en los manuales de español como lengua extranjera para nivel principiante](#)>. Acceso em 17/01/2020.

GONZÁLEZ CALVO, José Manuel. **Nueva consideración del imperativo**. In: [Anuario de estudios filológicos](#), ISSN 0210-8178, Vol. 3, 1980, p. 57-75. Disponible em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=58469>>. Acceso em 20/09/2019.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia. University of Pennsylvania, Press 11.ed. [1972]1991.

\_\_\_\_\_. **Where does the linguistic variable stop?** A response to Beatriz Lavandera. **Working Papers in Sociolinguistics**, Philadelphia, v. 44, p. 1-22, 1978. Disponible em: <<https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED157378.pdf>>. Acceso em: 22/02/2020.

LAVANDERA, B. **Where does the sociolinguistic variable stop?** In: *Language in Society*, Great Britain, 1978, p. 171-182.

MARTÍN, Ana Bravo. **La perífrasis “ir a +infinitivo” en el sistema temporal y aspectual del español**. Memorial para optar al grado de doctor. Madrid, 2009. Disponible em: <<https://eprints.ucm.es/8074/>>. Acceso em 20/09/2019.

MATTE BON, Francisco. **Gramática Comunicativa del Español I: De la lengua a la idea**. Madri: Edelsa, 2 v, 1992.

MATTE BON, Francisco. **Maneras de hablar del futuro en español entre gramática y pragmática Futuro, ir a + infinitivo y presente de indicativo: análisis, usos y valor profundo**. RedEl: revista electrónica de didáctica español lengua extranjera. Madrid, 2006, n. 6, febrero. Disponible em: <<http://redined.mecd.gob.es/xmlui/handle/11162/72207>> Acceso em 20/01/2020.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Esbozo de una nueva gramática de la lengua española**, Madrid, Espasa-Calpe. 1973, p. 253-268 e 425-460.

SEDANO, Mercedes. **El futuro morfológico y la expresión ir a + infinitivo en el español hablado de Venezuela**. VERBA 21. Universidad Central de Venezuela. p. 225-240. 1994. Disponible em: <[https://minerva.usc.es/xmlui/bitstream/handle/10347/3231/pg\\_227-242\\_verba21.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://minerva.usc.es/xmlui/bitstream/handle/10347/3231/pg_227-242_verba21.pdf?sequence=1&isAllowed=y)> Acceso em 02/12/2019.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. **Sociolingüística y pragmática del español**. Washington: Georgetown University Press, 2001.

SILVESTRI, Adriana. **El discurso instruccional**. In: **Discurso Instruccional – Enciclopedia Semiológica**. Universidad de Buenos Aires, 1998, p. 14-17. Disponible em: <<http://revistas.unife.edu.pe/index.php/educacion/article/download/1550/1559>> Acceso em: 01/02/2020.

TORRES, Fernanda Silva. **O imperativo e os futuros na primeira pessoa do plural em espanhol: um caso de variação linguística?** Dissertação de Mestrado (Letras Neolatinas), UFRJ. Rio de Janeiro, 2020.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística.** Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1ª ed.: Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (eds.). Directions for historical linguistics. Austin: University of Texas Press, 1968].

ZORRAQUINO, Maria Antonia Martin e LAZARO, Jose Portoles. **Los marcadores del discurso.** In: Bosque, I.; Demonte, V. (Orgs.). Gramática descriptiva de la lengua española: las construcciones sintácticas fundamentales, relaciones temporales, aspectuales y modales. Madrid, Espasa Calpe, 1999. p. 4051-4057.